

O que não te pertence mais¹

Pedro Gabriel Garcia AMADEU²
LucasBettine de Souza ALMEIDA³
Fernanda COBO⁴

Centro Universitário Nossa Senhora do Patrocínio, Salto, SP

RESUMO

O trabalho esclarece e especifica os métodos teóricos e práticos para a realização da fotografia de um curta metragem do gênero NOIR, realizado em película de 16 mm. O NOIR é um dos gêneros mais ricos no que se diz respeito ao uso da fotografia em cinema, somado à utilização da película, que acreditamos ser fundamental para a qualidade do final do produto, através do uso constante dos contrastes e delimitações do filme.

PALAVRAS-CHAVE: noir, direção de fotografia, película

1 INTRODUÇÃO

Durante os anos 40, devido a forte crise que a Europa enfrentava como fruto da Segunda Guerra Mundial, os EUA e, por consequência Hollywood, se firmaram como potência mundial (HOBBSAWM, 2000). No que diz respeito ao cinema, esse foi um período de afirmação da indústria hollywoodiana, estruturada a partir do Studio System e apoiada no sistema de gêneros. É neste período que surge o noir, compreendido aqui como um gênero cinematográfico, apesar de toda a imprecisão conceitual que o cerca (MASCARELLO, 2006).

A definição para noir surgiu em 1946, com o crítico e cineasta Nino Frank, que rotulou como noir um conjunto de filmes americanos que chegaram aos cinemas europeus pós-guerra, em alusão à “série noire” da literatura hard-boiled. Frank e seus colegas

¹ Trabalho submetido ao XX Prêmio Expocom 2013, na Categoria Cinema e Audiovisual, modalidade Fotografia em movimento.

² Aluno líder do grupo e estudante do 5º. Semestre do Curso de Cinema & Audiovisual do Centro Universitário Nossa Senhora do Patrocínio, email: Pedro.1000@ig.com.br

³ Estudante do 5º. Semestre do Curso de Cinema & Audiovisual do Centro Universitário Nossa Senhora do Patrocínio, email: lucasbettine@gmail.com

⁴ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Cinema & Audiovisual do Centro Universitário Nossa Senhora do Patrocínio, email: prof.fernandacobo@gmail.com

empregaram esse nome para demonstrar sua admiração perante essas obras de tons sombrios, temática de transgressão, fotografia expressionista e por sua representação crítica e fatalista da sociedade americana dos anos 40 (MASCARELLO, 2006). Outro aspecto interessante do noir, é que alguém pode nunca ter assistido a um filme desse gênero, mas certamente se alguém citar algo referente ao noir, de prontidão elementos do mesmo virão à mente, como acontece com o western, ou seja, são gêneros presentes no imaginário cinematográfico.

Segundo Mascarello (2006), o mote central do noir é o crime, que serve “como campo simbólico para a problematização do pós-guerra, resultado da forte crise econômica e da inevitável necessidade de reordenamento social ao fim do esforço militar” (MASCARELLO, 2006, p.181). Uma poeira de niilismo pairava pela sociedade americana e o noir conseguia pegar justamente esse “espírito” e refleti-lo através do cinema, “adotando uma narrativa pessimista com personagens de caráter questionável” (MARTINS, 2004,p.116).

O noir prestou-se, além de tudo, à denúncia da corrupção dos valores éticos, cimentadores do corpo social, bem como da brutalidade e hipocrisia das relações entre os indivíduos. Os personagens são essencialmente fatalistas, criando assim uma atmosfera cruel e claustrofóbica dando o tom do gênero. Olhando para os elementos narrativos, o noir tem suas fontes na literatura policial e no expressionismo alemão. A complexa trama é marcada por flashbacks e narração em over do protagonista masculino, já que o ponto de vista do noir clássico é o do homem, e há a presença emblemática da femme fatale, que surge para causar a desordem na sociedade patriarcal como elemento de transgressão da ordem, e dar o tom sexual que o gênero pede.

Os proponentes do noir afirmam ter sido ele veículo para a representação de um dos elementos centrais da “cultura da desconfiança” do pós-guerra: a intensa rivalidade entre masculino e feminino. [...] É neste contexto que deve ser entendida a figura mítica da mulher fatal. [...] a femme fatale metaforiza, do ponto de vista masculino, a independentização alcançada pela mulher no pós-guerra. Ao operar a transformação dela em sedutora malévola e passível de punição, o noir procura reforçar a masculinidade ameaçada e restabelecer simbolicamente o equilíbrio perdido. (MASCARELLO, 2006, p.181).

Não menos importante para a ambientação do noir é o contexto urbano das metrópoles como local privilegiado para o desenrolar da trama, criando uma atmosfera de tensão.. Como afirma Martins: “A grande cidade é um lugar inquietante, com seus becos e

ruas escuras, invadida pela neblina ou molhada pela chuva, onde a morte ou a violência podem interromper a cada instante” (MARTINS, 2004, p,117).

O curta “O que não te pertence mais” foi concebido tendo como referência o universo noir e todos os elementos típicos desse gênero foram utilizados no plano sequência que marca o filme, ora como referência direta ora como subversão dos elementos do gênero sendo, portanto, um neo-noir. Desde o seu início, com uma narração em *off*, aqui representada pela figura da femme fatale, portanto uma inversão na estrutura clássica do noir por dar a voz à mulher e não ao homem; o ambiente urbano inóspito que não aparece explicitamente como locação, mas pode ser percebido pelo som ao fundo das sirenes em meio ao barulho da chuva; até a chegada de um homem desconhecido, com um ferimento sangrando, sinalizando um crime que de início é do desconhecimento do espectador. Neste contexto, o elemento de destaque é a fotografia que contrasta muito bem os elementos presentes em cena, recriando a fotografia expressionista típica do noir e centra para a criação da sua atmosfera estilística.

2 OBJETIVO

Na disciplina de Imagem III foi solicitado aos alunos a realização de um curta metragem em película 16 mm. Para a realização do curta ficou definido que a sala trabalharia em conjunto em um único projeto e o roteiro escolhido para ser filmado foi o do estudante Gustavo Cardoso Pacheco, com o título “O Que não te pertence mais”, que também ficou com o cargo de diretor. O que colaborou muito para a escolha do roteiro foi o fato do projeto ter as marcas de um filme noir, o que para a sala era um atrativo especial devido ao fato do curta ser rodado em película e do assunto ser abordado na disciplina de História do Cinema II no mesmo período. Para o cargo de Diretor de Fotografia foi escolhido o estudante Pedro Amadeu, pela experiência e conhecimento na área, sendo que o objetivo central da concepção da fotografia foi criar uma atmosfera visual o mais próxima possível do universo do filme noir.

O trabalho foi realizado em um bimestre com louvor, visto que toda atmosfera noir objetivada pela equipe foi transparecida no curta e os objetivos técnicos avaliados pelo professor estavam de acordo com suas condicionalidades, fazendo com que os envolvidos fossem promovidos na disciplina.

3 JUSTIFICATIVA

Concomitante a disciplina de Imagem III, o conteúdo de História do Cinema II abordava em um dos seus tópicos o filme noir, dando suporte teórico sobre gênero e sobre os elementos fílmicos que posteriormente foram usados na construção do curta, e que tiveram grande influência na dramaticidade do filme. Assim, a fotografia do curta foi elaborada tendo como referência a estética do noir e alguns elementos tiveram destaque na sua concepção: o plano sequência, a fotografia em preto e branco e a utilização das sombras no lugar dos cenários com o intuito de que o espectador pudesse somente se atentar ao que verdadeiramente interessa na narrativa.

Um elemento fílmico importante no curta “O Que não te pertence mais” é o plano sequência, que representa todo o filme, e que buscava através da sua movimentação contínua criar uma impressão de encurralamento do personagem dentro do quadro, o que, somado à narração, colaborou muito ao estabelecimento do conflito do filme. Para o plano sequência foi utilizado como inspiração o filme “A Marca da Maldade” (Orson Welles, 1958) que tem logo em seu início um grande plano sequência que é um marco cinematográfico pela qualidade com que foi realizado em plena década de 50. Neste caso, foi de fundamental importância uma reflexão sobre a composição de quadro que se instaura no plano sequência, pensado pela direção de fotografia como um recurso expressivo de destaque no curta.

Outro aspecto fílmico fundamental foi a opção pela fotografia em preto e branco, por caracterizar melhor a essência do noir: “os noirs foram historicamente filmados em preto e branco e eram caracterizados pelo alto contraste nas cenas” (MASCARELLO, 2006, p.180).

Ainda, para dar ainda mais ênfase no poder da fotografia, o curta foi filmado sem a utilização de cenários, se atendo apenas aos objetos de cena que tinham função não apenas de compor a mise-en-scène, mas eram itens que davam suporte para a fotografia na realização dos contrastes que a cena pedia trocando o cenário ao fundo por um ambiente escuro e sombrio o espectador poderia também enxergar o mundo vazio em que o personagem se encontrava, onde apenas as vontades da femme fatale eram concretizadas em suas ações e também faz com que o espectador se atente apenas ao conflito do personagem central. Como referência para esta técnica, foi utilizado o filme “Dogville”

(Las Von Trier, 2003), que, embora não seja um filme noir, trabalha esse aspecto de um fundo infinito em sombras, afim de que o espectador pudesse somente se atentar ao que verdadeiramente interessa, segundo o diretor.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

A direção de fotografia no curta metragem “O que não te pertence mais” mantém-se fiel à estética do noir, gravado em película 16mm e em preto e branco, mesclado a outros elementos cinematográficos que contribuíram para um enriquecimento da narrativa do filme.

Para se obter o resultado ideal de uma fotografia noir, foi escolhido para ser rodado na câmera Arri Flex 16mm, o filme negativo Kodak Vision3 200T / 7213. Um filme de tungstênio (3200K) de velocidade 200, que apresenta uma grande latitude nas altas luzes e uma pequena taxa de granulação nas sombras, que resultou em uma imagem ideal à proposta do filme, de trabalhar com luzes duras e marcadas, porém com um grande espaço sombrio sem granulação. Sendo filmado em 24 quadros por segundo (fps), o filme foi fotografado com abertura do obturador em 180 graus, a uma abertura do diafragma de f2.8 em suas partes iluminadas e seguindo a latitude sensitométrica do negativo (segundo manual Kodak H-1-5213t).

Com apenas 5 stops negativos de exposição nas partes não iluminadas, obtivemos um fundo totalmente escuro, característica esta fundamental à proposta do curta metragem, que abdica do cenário ao fundo trocando-o por sombra, para que o espectador pudesse olhar apenas para o que verdadeiramente interessa no filme: a impressão de um crime realizado e a influência da femme fatale (personagem característico do noir) sobre o personagem principal.

Em “O que não te pertence mais” a iluminação foi realizada com três pontos de luz, usando dois Fresneis tungstênio de 650W nas posições de contra-luz e um Fresneltungstênio de 1000W como luz central através da persiana e todas bem marcadas e posicionadas de formas angulares, criando um ambiente de luz não regular, que contrasta com as ações do personagem e também cria uma atmosfera sombria colaborando com a ideia do “estar só” do personagem diante da influência da femme fatale.

Além disso, o filme trabalha também com alguns objetos subjetivamente, como a persiana, que só ficam a vista do espectador através da iluminação, o que faz com que ao

ver a sombra da persiana formada sobre os personagens o espectador deduz a existência de uma janela e uma persiana no cenário. A fumaça do cigarro também é um elemento valorizado através da iluminação na posição de contra-luz, que marca o contorno das formas pela luminosidade, o que salientou o prazer e alívio do personagem ao fumar seu cigarro.

O enquadramento e a movimentação da câmera, por sua vez, também são peças fundamentais do filme que contribuem diretamente com a narrativa, e, por se tratar de um plano sequência, trabalham em conjunto. Na câmera foi usada uma objetiva Arri Zeiss 25mm e na movimentação foi usado um travelling in bem lento, que somados fizeram com que o enquadramento, que inicialmente era um plano geral, fosse suavemente se tornando um plano médio, dando a impressão de estar “encurralando” cada vez mais o personagem dentro do quadro, colaborando muito para dramaticidade do filme.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

O cinema Noir possui uma estética marcante, porém completamente incomum ao cinema norte-americano da década de 40 e propõe uma mise-en-scène “antitradicional” buscando uma representação de um mundo em frágil equilíbrio, inseguro, sob uma constante ameaça da insurgência do inesperado.

A grande referência da estética Noir é o expressionismo alemão, movimento de grande base artística e filosófica, que buscava trabalhar uma subjetividade psicológica e emocional. através de elementos estéticos. Como saleinta Mayer, “estas tendências encontradas no expressionismo alemão foram importados em Hollywood por imigrantes alemães que fugiram da Alemanha depois que Hitler assumiu o poder em 1933” (MAYER, 2007,p.4). Do ponto de vista estético, a fotografia dos filmes noir buscam elementos chaves para cooperar e dar significados aos simbolismos que o compõe, subvertendo a realidade, como no expressionismo alemão, trabalhando-a subjetivamente:

A luz anti-solar presente amiúde nas cenas, mesmo nas diurnas em interiores, evoca constantemente um universo pecaminoso e hediondo em que todos estão imersos, criando incerteza e inquietação porque não encontra correspondência nas nossas expectativas cotidianas. (GOIFMAN, 2011,p.6).

Nos filmes noir, assim como também no curta metragem “O que não te pertence mais”, os diretores de fotografia possuíram uma liberdade artística maior, pois, segundo Brian McDonnell, “Muitos filmes noirs eram com baixos orçamentos e com isso uma liberdade ao fotógrafo significava menor risco financeiro” (MCDONNELL, 2007, p. 75), e isso fez com que a fotografia dos filmes noir crescesse e se tornasse um marco cinematográfico.

A iluminação é um elemento muito importante e fundamental na estética do filme, pois intensifica a dramaticidade, trabalhando com poucos pontos de luz bem marcados e a falta de luz de preenchimento o que gera um grande contraste entre o claro e o escuro, criando uma atmosfera sombria. Com as luzes muitas vezes posicionadas de formas angulares, trabalhando diretamente com espelhos (objeto característico no cenário noir), a iluminação era capaz de intensificar a dramaticidade da narrativa, já que muitas vezes os tons escuros sugerem uma mudança de identidade dos personagens: Os pontos de luz dão aparência sinistra aos personagens, em que o uso dos espelhos sugere perda de identidade, silhuetas contra um fundo iluminado têm uma função de fortalecer o caráter dramático do filme.” (MATTOS, 2000,p.25).

Os enquadramentos e movimentos da câmera presentes na fotografia noir também seguem o estilo do expressionismo alemão. Sempre querendo passar um ar de subjetividade, os movimentos de câmera empregados no noir são muitas vezes feitos com a técnica de “Câmera na mão” onde suas tremidas naturais muitas vezes são bem-vindas. Alienado a essa característica da movimentação desestabilizada, os enquadramentos trabalham de forma psicológica com os personagens, criando uma relação desarmônica em relação ao quadro, assim como afirmado por Kiko Goifman: “A opção por um enquadramento perturbador buscava colocar o espectador em sintonia com os sentimentos conturbados do herói noir” (GOIFMAN, 2011,p.6). Além disso, a mudança brusca de ângulos nos planos (como exemplo umasequência iniciada com um plano comum e uma troca brusca para um plano extremamente baixo) também é uma grande característica presente na estética dos filmes noir, além de outros elementos, como persianas as presentes entre a câmera e os personagens, uso muito comum para criar efeitos diferentes de sombras e reforçar a subjetividade.

Este estilo visual, reforçada pela fragmentação do espaço por meio de cenografia e composições de câmara que produziram linhas e superfícies instáveis, foi percebida como sugerindo um mundo deslocado permeada por alienação e desespero humano.” (MCDONNELL, 2007,p.4).

Os diretores de fotografias dos filmes noir trabalhavam com a profundidade de campo e a distorção através das objetivas nas câmeras, e para alcançar esses efeitos era necessário um domínio claro do fotógrafo no uso das objetivas. Na relação com a profundidade de campo, os filmes noir sempre trabalhavam com foco profundo, fazendo assim com que tanto o primeiro quanto o segundo plano estivessem focados, fazendo com que o espectador não soubesse realmente qual a parte mais relevante na cena, reforçando o mistério típico da atmosfera noir e isso cria uma busca constante da realidade junto ao herói. Para os efeitos de deformação, elemento característico da maior influência do Noir, o expressionismo alemão, foi necessário o uso de objetivas com baixa distância focal, o que provocou uma distorção natural nas linhas próximas às extremidades do enquadramento, criando uma exagerada distância entre os planos.

6 CONSIDERAÇÕES

O curta metragem “O que não te pertence mais” buscou trabalhar com os elementos do cinema noir aplicados em todo seu contexto no qual se enquadra também a fotografia, tornando possível o exercício de técnicas do uso da película (rolo negativo) estudadas nas aulas de Imagem III, como também o exercício da prática dos conceitos teóricos do cinema noir, estudados na disciplina de História do Cinema II.

Acreditamos que o resultado final obtido no filme atingiu nossos objetivos e superou as expectativas no campo estético, o que resultou em grande conhecimento não somente em torno do gênero noir, mas também nas técnicas e estudos necessários para o uso da película no set de cinema.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CONRAD Mark. **The Philosophy of Film Noir**. Lexington, KY, EUA: The University Press of Kentucky, 2007.

GOIFMAN Kiko. **Documentário e subjetividade: a fotografia noire em 33**. Rio de Janeiro: SOCINE, 2011.

HOBBSAWM, Eric. **Era dos extremos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

MARTINS André Reis. **A luz no cinema**. Belo Horizonte, MG: Escola de Belas Artes da UFMG, Dissertação de mestrado, 2004.

MASCARELLO Fernando (org.). **História do cinema mundial**. Campinas, SP: Papirus, 2006.

MATTOS, A.C. Gomes de Mattos. **O outro lado da noite - filme noir**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

MAYER Geoff, MCDONNELL Brian. **Encyclopedia of Film Noir**. New York, NY, EUA: Greenwood, 2007.